

## NARRATIVA

**mãe 1:** Skye, 36 anos. Oceanografa

**mãe 2:** Zola, 42 anos. Médica

**filho:** Ottis, 8 anos.

**cachorro:** Paulinho

Naquela quarta feira eu percebi quando Zola acordou cedo, como era o seu costume. Levantou-se, abriu só um pouquinho a cortina para não acordar a esposa e caminhou tranquilamente pelo meu corredor curvo, enquanto meus brises se abriam, ela queria aproveitar os primeiros raios de sol. Nesse dia fez o caminho mais comprido, passando pelo quarto de Ottis, que por medo do escuro havia deixado um pedaço da cortina aberta, pelo banheiro até chegar na área da cozinha. Sempre preparava o café da manhã para a família, e enquanto a água esquentava, acionou o botão para a mesa subir, deixando-a posta para a refeição.

Zola gostava de começar o dia com (atividade física futurista), praticava no andar de baixo, sempre gostei de sentir o vigor com que a mão dela tocava em minha parede curva enquanto descia a escada.

Acho interessante o fato de que todos amam o meu ambiente. Pelo visto eu os agrado e sou eficiente, desde os curiosos em meus sistema de águas, energia e lixo, até aos que amam a vida marítima, já que esse andar está abaixo do nível da água, envolto de uma grande parede de vidro que fornece a paisagem do espetáculo (ou não) do fundo do mar: os peixes, algas, corais, os instrumentos de fixação de nós, células e infraestruturas, das antigas construções de Santos que foram submersas com o aumento do mar e também a poluição do passado.

O espaço emana conforto e tranquilidade por ter as paredes redondas e traz um acolhimento do mar. Naquela quarta-feira, ao invés de acalmar os corpos, Zola ficou preocupada e ouvi bem baixinho e com um tom de desespero “vejo uma tempestade a caminho”.

Tentou se acalmar durante a prática do exercício, quando estava quase terminando os exercícios, Skye acordou tranquilamente. Ela abriu a cortina inteira de seu quarto, permitindo que a claridade tomasse conta de todo o ambiente, pegou uma xícara de chá e desceu para o andar -1, beijou Zola e notou que ela estava um pouco apreensiva. E perguntou:

- Querida, vejo o seu semblante de preocupação, aconteceu algo?
- É, Skye. Uma tempestade se aproxima. Respondeu.
- Fique tranquila, meu amor. É só uma chuva. - Skye sempre acalmava a esposa.

Juntas subiram e se sentaram no deck. Skye deitou na parte em que o longo sofá que se transformava em uma espreguiçadeira, enquanto Zola se sentou no espaço que não dava para dizer se era interno ou externo.

Ambas sorriram ao ouvir a característica risada do Ottis quando Paulinho o acordou com uma lambida. Fazíamos uma espécie de competição, eu e Paulinho, de quem acordaria o menino na hora certa todos os dias, e os instintos do cãozinho sempre o acordava as 7:29h, um minuto antes da minha programação. O menino, ao se levantar, foi direto dar bom dia para as mães e sentou-se em outro pedaço do grande sofá. Esse sofá era diferente, ele percorria um lado inteiro da casa.

Enquanto isso, Paulinho foi fazer suas necessidades - *Acho engraçado, ele sempre faz xixi nos meus pisos*- logo depois entrou debaixo da mesa, acho que ele pressentiu a tempestade.

Era dia de aula, Ottis gostava da escola, ele sempre voltava animado e contava tudo sobre o seu dia, era bom rever a cidade pelos olhos dele e perceber o quanto ela crescia a cada ano.

Após o banho ele foi se preparar para a escola, pegou sua bicicleta aquática e falou tchau pras mães que o observaram do deck. E seguiu em direção a escola sozinho como todas as crianças da região faziam, pois essa não era longe.

Depois de se despedir do filho, Zola voltou para a cozinha, retirou a mesa do café e guardou-a no piso da sala e foi para o banheiro.

Lá, escovou os dentes e em seguida ligou o chuveiro. Em seguida Skye entrou no ambiente para escovar os dentes e conversar com a esposa. As duas foram para o quarto se arrumar, pegando as roupas no espaço de armazenamento (armário) que ficava debaixo da cama e se arrumaram para mais um dia de trabalho.

Antes de sair de casa, Zola verificou o aplicativo da cidade, nada foi alertado sobre a tempestade, aliviou o semblante. Acionando o fechamento dos brises, despediram-se de Paulinho, fecharam a entrada da célula (ou fecharam minha entrada) e caminharam pela pequena conexão .

Eu faço parte de algo muito maior que apenas a minha célula. Na minha parte de baixo existe uma espécie de tentáculos que auxiliam em minha flutuação e conexão entre os outros elementos da cidade, todos nós temos tentáculos que se conectam e nos ajudam a nos manter unidos.

Estava localizado no módulo 5, constitui-se em uma grande passarela circular ligando todas as células, tanto na parte interior quanto na exterior encontram-se diversas células, todas formando esse núcleo, junto com uma célula especial no centro, que funciona como horta e o viveiro de peixes comunitário. Além disso cada módulo possui um atracadouro onde todos os barcos ficam. (A cada XX metros havia um sub-núcleo comercial e de serviço), somos conectados por essas passarelas, mas o principal meio de mobilidade (?) é pelo mar.

Zola e Skye caminham até o atracadouro cumprimentando os vizinhos e observando os adolescentes em suas bicicletas indo em direção da escola, retiraram a corda, pegaram seu barco. Era dia de rodízio e elas deram carona aos vizinhos. Observaram que o mar aparentava estar mais cheio. Isso foi um despertar para Zola, que logo pensou “ será que a maré estava alta ou o nível do mar já subiu mais um pouco?”.

Observei todos os humanos saírem, ficamos apenas eu e Paulinho.

A partir de algum momento durante o fim da manhã, o mar começou a ficar agitado, uma nuvem imensa pairou sobre a aquática e terrestre Santos, foram 4 horas de chuvas intensas, com fortes ventos, trovões e raios.

Fiz o meu máximo para proteger Paulinho, que estava com muito medo. Com o mar extremamente revoltado, meus tentáculos se soltaram das outras estruturas para focar apenas em minha flutuação, até que detectei que estava perigoso continuar nessa situação percebi que era o momento de ir para o fundo do mar. As ondas começaram a ficar muito altas e fortes para eu manter o Paulinho e eu seguros. Com isso fechei todos os brises da minha (epiderme, camada de proteção....) e submergi.

Aos poucos fui descendo, o mar ia ficando mais calmo e já era bem mais fácil me manter estável. Junto comigo, meus vizinhos faziam o mesmo movimento. Os tentáculos ajudavam tanto nesse momento de submergir, quanto se fixar no solo do fundo da costa, me distanciava das antigas construções agora submersas de Santos, pois sabia que o solo concretado impedia a fixação

correta dos tentáculos. Me instalei no solo de areia, não estava tão fundo, ainda via a claridade do céu em alguns metros acima. Procurei dentro de mim e percebi que Paulinho estava seguro. Todos os móveis e mobílias também, pois todos eram fixados, nada dentro de mim se move, a não ser cão.

Quando fui pensada, nas primeiras décadas de 2000, estava em discussão a elevação do nível do mar, pois nas épocas de chuva as o mar invadia a cidade, as construções em terra firme eram alagadas e como consequência várias famílias foram desabrigadas. No ano de 2020, eu e meus irmãos fomos projetados e preparados para a intempéries do clima.

Confesso que naquele quarta tive um grande orgulho do meu desempenho. A tempestade foi tão intensa, que vi alguns barcos à deriva, acho que parte do atracadouro se rompeu. O que foi planejado, já que aqui é assim: para não gerar danos maiores à cidade, preferimos dos desgrudar, soltamos nossos tentáculos e, por termos gps nos localizamos e nos juntamos de novo.

Enquanto a cidade marítima se protegia dessa maneira, a chuva atingira a cidade provocando os danos maiores na parte terrestre, o nível do mar aumentou muito, extrapolando o limite costumeiro de 2 metros e alagou a cota XX, muitas pessoas sofreram naquele dia.

Na cidade aquática, por orientação do superintendente, ninguém voltou para suas casas até que fosse seguro navegar novamente, por isso dormimos apenas eu e Paulinho.

Na manhã do dia seguinte, eu e meus irmãos emergimos quando tudo estava seguro, enquanto todos voltaram para a sua casa com o barco dos bombeiros.

A defesa civil calculou os danos da tempestade, na aquática estava dentro nos parâmetros, enquanto a da terra ainda estava submersa e necessitava de muita ajuda, aqui apenas tiveram que recuperar os atracadouro, trazendo-o de volta, de maneira que seus tentáculos se re-fixaram ao restante e seguindo os gps recuperaram todos os barcos perdidos.

Com poucos minutos de diferença da chegada de Ottis, Zola e Skye, o barco de resgate trouxe a bicicleta da família de volta e a colocou no dispositivo.

Foi um alívio a todos ao entrarem na casa e verem que Paulinho e eu estávamos bem, e que as minhas conexões já estavam presentes novamente.

De volta em casa e seguros depois da noite agitada, Skye fez um chá e desceram para a sala do piso inferior e pelo vidro foram assistir ao show das outras células se emergindo e se conectando com a conexão, como uma dança dos tentáculos que iam buscar seus pares.